



Entre o mundo digital e a paranoia da realidade: a representação do *flâneur* pós-moderno no romance *Reprodução*, de Bernardo Carvalho

Between the digital world and the paranoia of reality: the representation of the postmodern *flâneur* in Bernardo Carvalho's novel *Reprodução*

Ívens Matozo Silva¹

João Manuel dos Santos Cunha²

Resumo: O objetivo do presente artigo é propor uma análise da personagem “o estudante de chinês” presente no romance **Reprodução** (2013), de Bernardo Carvalho, com o intuito de verificar de que forma a literatura incorpora, em sua forma narrativa, os problemas do indivíduo urbano contemporâneo. Para tanto, baseamo-nos nos estudos de Julia Kristeva (1989), Stuart Hall (2003), Antonio Candido (2006) e Eric Landowski (2012).

Palavras-chave: **Reprodução**. Literatura e Sociedade. Bernardo Carvalho.

Abstract: The present paper aims at presenting an analysis of the character “Chinese student” from Bernardo Carvalho's novel **Reprodução** (2013) with the purpose of verifying how Literature incorporates into its narrative the problems of the contemporary urban citizen. To do so, we based our analysis upon the studies developed by Julia Kristeva (1989), Stuart Hall (2003), Antonio Candido (2006) and Eric Landowski (2012).

Keywords: **Reprodução**. Literature and Society. Bernardo Carvalho.

INTRODUÇÃO

A ficção brasileira contemporânea tem se caracterizado por apresentar obras que dramatizam os grandes impasses inerentes ao homem urbano na modernidade. Desse modo, evidenciamos a presença de várias produções literárias que se detém à apresentação de personagens atomizados pela força da globalização e influenciados pelos meios de comunicação, bem como a problematização da miséria, da violência e do desemprego que assolam as grandes concentrações urbanas.

¹Graduado em Letras – Inglês e Literaturas de língua Inglesa pela Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Pelotas (UFPel). Bolsista CAPES. E-mail: ivens_matozo@hotmail.com.

²Doutor em Letras pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Professor Adjunto do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Pelotas (UFPel). E-mail: jmsantoscunha@gmail.com.

Nesse prisma, conforme argumenta Porto (2013, p. 258), a literatura brasileira vem acentuando temas como a “fragmentação do sujeito [...] o choque e a desestruturação do indivíduo”, assim como a “instabilidade urbana, que atinge não só a paisagem geográfica [...] mas também a interioridade do sujeito”, tornando-se, portanto, um retrato quase que instantâneo da vida cotidiana.

As produções literárias do escritor e jornalista carioca Bernardo Carvalho são exemplares que trazem à luz as vicissitudes enfrentadas pelo homem contemporâneo. Escritor de renome tanto no cenário literário nacional quanto no internacional, Carvalho iniciou sua carreira com a publicação da coletânea de contos **Aberração** (1993) e, desde então, passou a se dedicar à publicação de romances, totalizando onze até o presente momento. Destes, recebeu o prêmio Portugal Telecom, de 2003, com a obra **Nove Noites** (2003) e o Jabuti, de 2004, com **Mongólia** (2003). Com a publicação do seu mais recente romance **Reprodução** (2013), arrebatou novamente o prêmio Jabuti como melhor narrativa do ano de 2014.

Nesta obra, o escritor nos apresenta como protagonista um homem apenas denominado de “o estudante de chinês”, o qual pesquisa e devora todo e qualquer tipo de informação advinda de jornais e, principalmente, da internet. Assim, ao contrário do *flâneur* do poeta francês Charles Baudelaire, que “com prazer quase voyeurístico, comprazia-se em observar refletidamente os moradores da cidade em suas atividades diárias” (MASSAGLI, 2008, p. 55), a protagonista do romance de Bernardo Carvalho representaria a figura de um *flâneur* pós-moderno, em outras palavras, ao contrário de apenas observar os moradores da cidade e andar sem rumo diante da modernidade, nessa narrativa apresenta-se a figura de um indivíduo que deambula desorientado e obsessivamente pelas infinitas páginas da internet e na leitura feroz dos mais variados jornais e revistas.

Entretanto, “o estudante de chinês” ou o *flâneur* pós-moderno representaria o grande paradoxo da contemporaneidade: ao mesmo tempo em que possui milhares de amigos virtuais, seguidores e curtidas nas páginas do *Facebook*, vive solitário e infeliz diante de uma completa reprodução de decepções e tragédias que, como é descrito na contracapa do romance, “parece encenar um típico (e problemático) personagem da nossa época”.

Tendo em vista essas considerações iniciais, o objetivo do presente artigo é propor uma análise do personagem “o estudante de chinês” presente no romance **Reprodução** (2013), com o intuito de verificar de que forma a literatura incorpora, em sua forma narrativa, os problemas do homem urbano contemporâneo. Para tanto, o artigo baseia-se

nos estudos de Julia Kristeva (1989), Stuart Hall (2003), Antonio Candido (2006) e Eric Landowski (2012).

A trama centra-se no personagem denominado “o estudante de chinês” que se encontra na fila do check-in para embarcar em um voo com destino à Xangai. No local, acaba reencontrando sua ex-professora de Chinês, Liuli, acompanhada de uma menina de cinco anos. Nesse encontro, no instante em que ele começa a conversar com a professora, um desconhecido, que ao longo da narrativa descobrimos que é um agente da polícia federal, “pega a menina no colo e puxa a professora de Chinês para fora da fila” (CARVALHO, 2013, p. 13). Nesse momento, Liuli fala algo em chinês para seu ex-aluno, mas ele não a compreende, mesmo estudando há anos o idioma e tendo cursado até a lição 22 do quarto livro do curso intermediário. A partir de então, começa o longo interrogatório do estudante por um delegado que almeja descobrir o que a chinesa lhe contou, visto que há suspeitas de que ela esteja envolvida em um complexo esquema de tráfico internacional de entorpecentes.

O romance está organizado em três capítulos, denominados “A língua do futuro”, “A língua do passado” e “A língua do presente”. As duas primeiras seções são constituídas, quase que em sua totalidade, pelo monólogo de dois personagens: na primeira, apresentam-se os relatos do “estudante de chinês” que está sendo interrogado por um delegado; na segunda, há uma conversa entre uma delegada e seu parceiro de trabalho que anteriormente estava interrogando a protagonista.

Na terceira seção do livro, “o estudante de chinês” volta a ser interrogado pelo mesmo delegado presente no primeiro capítulo. Essa seção, a mais emblemática da narrativa, caracteriza-se por apresentar várias contradições, o que faz com que as informações apresentadas nos capítulos anteriores sejam postas em xeque, fato que provoca uma grande instabilidade no discurso apresentado ao longo da narrativa.

Logo no início da diegese, a qual começa com a descrição de um narrador heterodiegético que nos apresenta os personagens que estão no saguão de embarque para o voo com destino a Xangai, já podemos perceber os problemas sentimentais e financeiros que a protagonista enfrenta:

O estudante de chinês está a caminho da China justamente para escapar do inferno dos últimos sete anos, seis deles divorciado, desempregado [...] nos últimos anos transformara os comentários anônimos na internet e, em especial os hediondos, em sua principal atividade diária (CARVALHO, 2013, p. 9-10).

Como se vê, “o estudante de chinês” é representado como um indivíduo desestruturado economicamente e que ainda luta para se recuperar dos transtornos causados pelo fim do seu casamento. Para tentar fugir ou esquecer-se dos seus problemas, ele passa os dias dedicado à leitura de jornais e realizando pesquisas na internet. Assim que a protagonista começa a ser interrogado pelo delegado e seu discurso apresentado através de um monólogo, uma vez que não temos acesso e informações sobre as falas do delegado, começam a vir à tona mais detalhes sobre a vida íntima dessa personagem.

A protagonista esclarece ao delegado que trabalhava no mercado financeiro, mas que acabou perdendo tudo o que tinha e que hoje se encontra desempregado. Com isso, sua negatividade a leva a chegar à conclusão de que “ninguém precisa estar à frente do seu tempo para dar errado no Brasil. Basta estar no presente” (CARVALHO, 2013, p. 44) e demonstra a sua total solidão ao admitir que: “Não tenho ninguém para perder [...] perdi tudo o que eu tinha [...] Agora só falta eu perder meu voo que sai as seis” (CARVALHO, 2013, p. 53).

O sentimento de perda e solidão carregados pela personagem podem ser lidos à luz das considerações que Julia Kristeva (1989) expressa em **Sol negro: depressão e melancolia**. Segundo a autora, ao longo da nossa vida social acabamos sendo sobrecarregados por uma “lista de desgraças que nos oprimem todos os dias” (p. 11), sendo natural um esforço para a morte e a melancolia. Ao associarmos as reflexões de Kristeva ao romance, percebemos que a protagonista, apesar dos problemas pessoais que a desestabilizam, não demonstra um desejo pelo suicídio. O que observamos é a utilização da verdadeira reprodução dos seus fracassos para se tornar, como bem assinala Heitor Ferraz Mello, “uma espécie de insuportável sabe-tudo, que escreve cartas, curte comentários da internet e que fala compulsivamente” (MELLO, 2014, p. 1).

Ao se autodenominar “um cara hiperinformado” (CARVALHO, 2013, p. 53), “o estudante de chinês” passa a apresentar sua opinião sobre os mais variados temas. Física, astronomia, política, religião, geografia etc., tudo e qualquer tema vira pretexto para ser discutido ou virar “curtidas”, vocabulário utilizado pela própria protagonista, na sua rede social. Sua completa paranoia em estar conectado à internet, sinalizado pelas insistentes perguntas ao delegado se no ambiente onde eles estavam havia conexão “wi-fi”, bem como a ênfase em iludir-se na fantasia de que possuía muito amigos podem ser verificadas no excerto a seguir:

Ah, é! Vou escrever. Eu sempre escrevo pra seção de cartas do leitor. Eu também tenho um blog. Estou no Facebook. Tenho muita

opinião. E seguidores. O endereço é fácil. Não quer? Tudo bem, não quer, não precisa anotar. Tenho milhares de amigos e seguidores. Mais um, menos um, pra mim tanto faz. Mas vou dar a minha opinião mesmo assim (CARVALHO, 2013, p. 33).

Conforme os diálogos entre as duas personagens avançam, novas informações sobre “o estudante de chinês” vão sendo reveladas e, entre elas, evidenciamos a sua crise de identidade. A respeito dessa questão, o pesquisador Stuart Hall (2002) pontua que o sujeito pós-moderno, ao contrário das normas Iluministas que se pautavam na presença de uma identidade unificada e estável, caracteriza-se por apresentar uma considerável complexidade no que concerne ao reconhecimento da sua própria identidade.

Nas palavras do pesquisador:

O sujeito, previamente vivido como tendo uma identidade unificada e estável, está se tornando fragmentado; composto não de uma única, mas de várias identidades, algumas vezes contraditórias ou não-resolvidas. Correspondentemente, as identidades [...] estão entrando em colapso, como resultado de mudanças estruturais e institucionais. O próprio processo de identificação, através do qual nos projetamos em nossas identidades culturais, tornou-se mais provisório, variável e problemático (HALL, 2002, p. 12).

A protagonista de **Reprodução** apresenta duas situações onde evidenciamos sua fragmentação identitária. A primeira, refere-se ao próprio nome da personagem, que apesar de nunca ser mencionado na narrativa, torna-se objeto de grande questionamento. Apesar de afirmar ter nacionalidade brasileira, ao ser questionado sobre o seu nome, “o estudante de chinês” apenas argumenta que ele “parece árabe, mas não é” (CARVALHO, 2013, p. 29).

Após essa afirmação, a personagem principal diz estar prestes a embarcar para Xangai para conhecer suas origens e afirma que sua viagem é “uma questão de identidade” (CARVALHO, 2013, p. 47), visto que seu tataravô teria vindo para o Brasil, no ano de 1817, com o intuito de trabalhar nas plantações de chá na cidade de Santa Cruz. Entretanto, conforme os diálogos vão se intensificando, ele acaba caindo em contradição, alegando que: “não sou chinês, ao contrário do que eu disse. É, não sou. Nenhum chinês

veio pro Brasil plantar chá, nunca. A história não existe. O passado não existe” (CARVALHO, 2013, p. 53).

O segundo ponto que ilustra sua fragmentação identitária pode ser verificado no início do terceiro capítulo do romance, quando sua orientação sexual acaba se tornando alvo de especulações. Ao ser tachado de “gay” pelo delegado, o estudante reproduz um discurso repleto de questionamentos e fortes afirmações preconceituosas, as quais traduzem tanto a sua fragilidade quanto a sua total falta de autocontrole:

Gay? Eu? Gay é a puta que pariu! Quem disse que perguntar não ofende?! Só porque não quero ter filhos? [...] Como, que loucura é essa?! Eu? Eu disse!? Dei a entender? Puta que pariu! E o que é que o senhor quer que eu diga?! Preferia nascer morto ou aleijado a nascer gay! Até nascia preto se precisasse, mas gay?! (CARVALHO, 2013, p. 135-136).

Imediatamente é possível depreender do trecho a visão preconceituosa de um homem que denigre a imagem de homossexuais, afrodescendentes e deficientes físicos, numa tentativa desesperada de se auto afirmar superior. Essa atitude da protagonista coaduna-se com os estudos de Eric Landowski (2012) que nos apresenta uma densa análise a respeito das relações intersubjetivas.

Segundo o pesquisador, na relação interpessoal entre um “eu” e um “outro” se estabelece a presença de um grupo de referência que investirá sobre uma pessoa ou grupo minoritário um conteúdo semântico que poderá ser de caráter positivo ou negativo. Desse modo, podemos notar que por mais fragmentada que se apresente a identidade do “estudante de chinês”, ele se considera integrante do grupo de referência, nomeado por Landowski, e utiliza-se disso para denegrir e, ao mesmo tempo, fortalecer a sua diferença em comparação aos grupos minoritários.

Entretanto, pertencer a esse grupo de referência que a protagonista acredita fazer parte também exige certos padrões ou uma conduta pré-estabelecida que ele não consegue manter. O “estudante de chinês”, como apontado anteriormente, é um homem que ainda luta para se reconstituir emocionalmente após o abalo do fim do seu casamento, sua mulher o largou para ficar com um quiroprático americano após três tentativas falhas de gravidez com a protagonista. Nessa linha de raciocínio, ele poderia ser interpretado como a representação da imperfeição do estereótipo masculino fortemente enraizado na sociedade, o qual preza pela presença do sujeito pertencente ao sexo masculino como sendo o símbolo máximo da força, da dominação e da virilidade.

Nesse caminho, conforme assinala Landowski:

Acabam então as certezas de um Nós pleno, imóvel, transparente e satisfeito consigo mesmo e começa, em compensação, o questionamento de um Nós inquieto, em construção, em busca de si mesmo em sua relação com o Outro (2013, p. 27).

A consciência que ele adquire do seu não pertencimento ao “Nós” ou ao grupo de referência, juntamente com a sua fragmentação e decadência, acabam fazendo com que a personagem, através de um profundo mergulho subjetivo, exteriorize sua total falta de perspectiva em modificar a verdadeira reprodução de desastres que tem caracterizado a sua vida.

O senhor por acaso tem ideia do horror que é ter esperança? E viver no país da esperança? É claro que eu quero sair daqui! Alguém me mande pra China, pra bem longe dela [sua ex-mulher], pra onde não há a menor possibilidade da gente se encontrar, nem se eu quiser, o país da impossibilidade e da desesperança e da descrença, onde nem a língua eu espero um dia entender, onde a possibilidade de estar do lado dela não exista nem na imaginação! A esperança é a porta do inferno! (CARVALHO, 2013, p. 142).

Convém observar, a partir do excerto acima, que a protagonista de **Reprodução** é um indivíduo que vive preso às lembranças do passado e que busca desesperadamente ir para a China para fugir dos seus problemas. Nessa perspectiva, o apelo à fuga poderia ser vista como uma estratégia para que a dolorosa esperança ou ilusão que ele ainda possui de salvar seu casamento e, conseqüentemente, o amor da sua ex-esposa, acabem se dissipando.

Diante disso, a obra de Bernardo Carvalho pode ser analisada no sentido de questionar sua íntima relação com os dramas cotidianos da sociedade contemporânea. Sobre essa característica, o teórico Antonio Candido (2006) propõe, através da sua proposta teórico-metodológica, que a análise literária deve levar em consideração o elemento social, uma vez que só podemos entender integralmente uma obra “fundindo texto e contexto numa interpretação dialeticamente íntegra” (p. 13).

Desse modo, o contexto social que serve de pano de fundo no romance de Bernardo Carvalho acaba sendo utilizado para construir a imagem de uma sociedade opressora, na qual não há espaço para perdedores ou indivíduos frágeis. Assim, a busca

ou a possibilidade de realização da protagonista no contexto brasileiro são mínimas ou nulas, fato que acaba a obrigando a fugir do completo “inferno” que sua vida se tornou.

Ao aproximarmos do fim da narrativa, a qual retorna a ser narrado por um narrador heterodiegético, descobrimos que a protagonista consegue embarcar para Xangai e que acaba levando consigo a menina que estava com sua ex-professora Liuli. Conforme a voz narrativa comenta, o estudante se sente realizado em ter salvo a vida da menina “dos horrores a que estaria condenada se tivesse ficado no mesmo mundo violento, de chacinas, sequestros, acertos de contas e balas perdidas” (CARVALHO, 2013, p. 164).

Além disso, ele chega a expressar arrependimento por um dia ter perdido a esperança nos seres humanos e até mesmo em si mesmo:

Ele diz que, apesar de tudo o que possa ter dito sobre não querer reproduzir esse mundo do qual eles dois fazem parte, cumpriu a tarefa que lhe foi atribuída, contrariando a sua natureza, os seus princípios e as suas convicções: entregou a menina sã e salva aos pais adotivos da professora de chinês (CARVALHO, 2013, p. 164).

Entretanto, uma possível interpretação das duas páginas finais do romance demonstram que a narrativa, ao apresentar um final em aberto, acaba desestruturar o possível “final feliz” apresentado no excerto acima. Verificamos que a menina, ao ser entregue aos seus parentes chineses, desespera-se, chora, grita e esperneia ao ver o estudante se despedir e ir embora. A cena dramática que caracteriza a rápida despedida entre a menina e a protagonista choca pelo fato de apresentar uma visão amplamente pessimista do futuro da humanidade.

Nesse sentido, “o estudante de chinês” finaliza a narrativa do mesmo modo ou até mesmo pior do que o apresentado no início do romance - continua frio, solitário e agora acreditando, erroneamente, ter feito uma boa ação; já a menina, ao ter um grande choque ao ver a casa onde passará o resto dos seus dias, ainda terá que lutar para sobreviver em um mundo “infestado de pedófilos, de lobos em pele de ovelha [...] e dominado por justiceiros assassinos” (CARVALHO, 2013, p. 167).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir da análise do personagem “o estudante de chinês” presente no romance **Reprodução**, de Bernardo Carvalho, foi possível perceber os grandes problemas que assombram o indivíduo urbano contemporâneo através da representação de uma

personagem perplexa face a um mundo competitivo, sem espaço para falhas, perdedores e sentimentalismos.

Ao longo da narrativa, podemos verificar a construção de um indivíduo desestruturado tanto economicamente quanto emocionalmente, podendo ser lido, portanto, como uma vítima da violência, mesmo que simbólica, dos padrões impostos pela sociedade. Desse modo, a imagem apresentada da sociedade contemporânea assume um caráter altamente conservador e opressivo, visto que não há oportunidades de realização da protagonista em todo romance, fato que acaba a levando a sua total fragmentação identitária na tentativa de pertencer a algum grupo social.

Através do seu fracasso pessoal, a protagonista apresenta uma verdadeira reprodução dos mais variados tipos de preconceitos, utilizados como uma válvula de escape para se esquivar e se proteger da tragédia que tem sido a sua vida deplorável.

Além disso, é esse sentimento de fuga e imperfeições que a levam a mergulhar no mundo digital e das páginas dos jornais e das revistas. Fato que a torna um verdadeiro *flâneur* pós-moderno, ou seja, um indivíduo que transita desesperadamente em busca de um saber enciclopédico que a guie ou a ajude a encontrar o caminho para a felicidade e a solução dos seus mais variados problemas.

O romance de Bernardo Carvalho também nos instiga a refletir a respeito de um importante paradoxo contemporâneo: ao mesmo tempo em que estamos rodeados por um número enorme de pessoas nos centros urbanos; estamos tão solitários, depressivos e nos tornando cada vez mais individualistas. Essa é uma questão retomada diversas vezes pelo “estudante de chinês” e pode ser um dos motivos que o levaram a fazer do computador e, principalmente, das redes sociais, os seus melhores amigos, fato que acentua ainda mais a sua solidão.

Ao fim desta análise, que não esgota as leituras possíveis da obra de Bernardo Carvalho, evidenciamos que a narrativa do escritor brasileiro apresenta uma forte crítica à atual condição do indivíduo contemporâneo, o qual recorre cada vez mais à tecnologia para escapar dos desastres, desilusões e, principalmente, da solidão de sua vida off-line, fazendo com que ele viva na fronteira e na indecisão de viver ou na fantasia disponível no mundo digital ou na paranoia da realidade contemporânea.

BIBLIOGRAFIA

- CANDIDO, Antonio. **Literatura e sociedade**. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2006.
CARVALHO, Bernardo. **Reprodução**. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução de Tomás Tadeu da Silva, Guaracira Lopes Louro. 4ª ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

KRISTEVA, Julia. **Sol negro: depressão e melancolia**. Rio de Janeiro: Rocco, 1989.

LANDOWSKI, Eric. **Presenças do outro: ensaios de sociosemiótica**. São Paulo: Perspectiva, 2012.

MASSAGLI, Sérgio Roberto. **Homem da multidão e o flâneur no conto “O homem da multidão”, de Edgar Allan Poe**. In: **Terra roxa e outras terras – Revista de Estudos Literários**, v. 12, jun. 2008, p. 55 – 65.

MELLO, Heitor Ferraz. **O espantalho da informação**. In: **Revista Cult**. São Paulo: Editora Bregantini. Disponível em: <<http://revistacult.uol.com.br/home/2014/01/o-espantalho-da-informacao/>>. Acesso em: Maio/ 2015.

PORTO, Luana Teixeira. **Ovelhas Negras: transgressão, violência e sofrimento**. In: **Revista Literatura em Debate**, v. 7, n. 12, jul. 2013, p. 247 – 262.